

## 4

## O SERVIÇO \*

“Houve entre eles uma discussão: qual deles seria o maior?” (Lucas 9.46). Sabemos quem semeia semelhante pensamento na comunidade cristã. No entanto, talvez não estejamos suficientemente conscientes de que é impossível uma comunidade cristã se reunir sem que surja logo esse pensamento como semente de discórdia. Mal as pessoas se encontram, logo têm que começar a observar, julgar e enquadrar umas às outras. Dessa maneira, já no surgimento da comunhão cristã começa também uma invisível, muitas vezes inconsciente, horrível luta de vida e morte. “Houve entre eles uma discussão” – isso basta para destruir a comunhão. Por isso é de vital importância para toda a comunidade cristã que ela enfrente esse inimigo desde a primeira hora e o extermine. Nesse ponto não há tempo a perder, pois assim que uma pessoa se encontra com outra, cada qual busca uma posição estratégica para se defender. Há pessoas fortes e fracas. Se alguém não é forte, logo invoca para si o direito dos fracos e o usa contra o forte. Há as pessoas talentosas e as pessoas sem talento, pessoas simples e pessoas difíceis, piedosas e menos piedosas, pessoas sociáveis e as esquisitas. A pessoa destituída de talento não precisa firmar sua posição do mesmo modo como faz a pessoa talentosa, a pessoa difícil como a pessoa simples? E se não sou talentoso, talvez seja piedoso; se não sou piedoso, talvez nem o queira ser. Por acaso não pode a pessoa sociável conquistar tudo para si num só instante, envergonhando assim o tímido? Por acaso a pessoa esquisita não pode se tornar o inimigo invencível e,

por fim, o vencedor sobre as pessoas sociáveis? Que pessoa não encontraria com certeza instintiva o lugar no qual possa se firmar e se defender, lugar esse que jamais cederá a outro qualquer e o qual defenderá com todo seu instinto de auto-afirmação? Tudo isso pode acontecer das formas mais civilizadas e inclusive mais piedosas. O que importa é que uma comunidade cristã saiba que, com toda certeza, “houve entre eles uma discussão: qual deles seria o maior?”. É a luta da pessoa natural pela autojustificação. E ela a encontra somente ao comparar-se com outra pessoa, no julgamento dela. Autojustificação e julgamento andam de mãos dadas, assim como a justificação por graça e o servir.

Uma das melhores maneiras de combater os maus pensamentos é proibir-lhes fundamentalmente a palavra. Tão certo como o espírito da autojustificação só pode ser vencido a partir do espírito da graça, tão certo os pensamentos de julgar o semelhante são reprimidos e abafados quando jamais se lhes permite tomar a palavra, a não ser como confissão dos pecados da qual falaremos mais adiante.

Quem refreia língua domina alma e corpo (Tiago 3.3ss). Assim, regra fundamental para a comunhão cristã é: fica proibido fazer comentários velados sobre o irmão. Isso não se refere à advertência pessoal ao irmão. Isso é evidente e nós o veremos a seguir. O que não se pode admitir é o comentário velado sobre o irmão, inclusive quando feito sob a aparência de querer ajudar ou querer apenas o seu bem. Pois é precisamente sob esse disfarce que se infiltra o espírito do ódio fraternal quando pretende provocar prejuízo. Não é esse o lugar para mencionar os detalhes da limitação dessa regra. Para cada caso deve-se tomar uma decisão específica. O assunto, porém, está claro e é bíblico: “Sentas-te para falar contra o teu irmão, e desonras o filho de tua mãe. Assim te comportas, e eu me calaria? Imaginas que eu seja como tu? Eu te acuso e exponho tudo aos teus olhos” (Salmo 50.20, 21b). “Não faleis mal uns dos outros, irmãos. Aquele que fala mal de um irmão ou julga o seu irmão, fala mal da

\* Dietrich Bonhoeffer: "Vida em Comunhão"  
4ª ed. rev. Soc. Desfelds, Linsdal, 2001

Lei e julga a Lei. Ora, se julgas a Lei, já não estás praticando a Lei, mas te fazes juiz da Lei. Só há um legislador e juiz, a saber, aquele que pode salvar e destruir. Tu, porém, quem és para julgares o teu próximo?” (Tiago 4.11-12). “Não saia dos vossos lábios nenhuma palavra inconveniente, mas, na hora oportuna, a que for boa para edificação, que comunique graça aos que a ouvirem” (Efésios 4.29).

Lá onde se exercita essa disciplina da língua desde o princípio, cada qual fará uma descoberta incomparável: poderá deixar de observar a outra pessoa a todo instante, deixar de condená-la, de determinar-lhe o espaço dentro do qual pode se mover, e de agredi-la. Agora terá condições de deixar o irmão como ele é, da maneira como Deus o colocou à sua frente. Abre-se o horizonte e, para sua admiração, pela primeira vez, reconhece nos irmãos a riqueza da magnificência criadora de Deus. Deus não fez o outro como eu o teria feito, não me deu o irmão para que eu o dominasse, mas para nele encontrar o Criador. Em sua liberdade de criatura, o semelhante se torna motivo de alegria para mim, enquanto antes somente me causava dificuldades e problemas. Deus não deseja que eu molde o outro conforme a imagem que eu considero boa, portanto, à minha própria imagem. Em sua liberdade em relação a mim, Deus criou o outro à sua imagem. Jamais poderei saber de antemão como a imagem de Deus aparecerá no outro; pois ela assume formas sempre novas, que se baseiam unicamente na livre criatividade de Deus. Pode ser que tais formas pareçam estranhas para mim, nada divinas até. Deus, porém, cria a humanidade à semelhança de seu Filho, o Crucificado – quadro que, aliás, também me parecia estranho e nada divino antes de compreendê-lo.

Agora, força e fraqueza, inteligência e ignorância, talentoso e sem talento, piedoso e menos piedoso – todas as diferenças individuais dentro da comunidade não serão motivo para falatório, julgamento, condenação, ou seja, motivo de autojustificação, mas serão razões de uns se alegrarem nos outros e de se servirem mutuamente. Também nessas circunstâncias cada membro recebe seu lugar de-

terminado, mas já não será o lugar em que possa se impor com maior sucesso, mas no qual poderá servir da forma mais adequada.

Na comunhão cristã, tudo depende de que cada pessoa se transforme num elo indispensável de uma corrente. A corrente será inquebrável só quando o menor elo engrenar com firmeza também. Uma comunidade que tolera a existência de membros que não são aproveitados, irá à ruína através deles. Será, pois, conveniente que cada pessoa receba uma tarefa determinada dentro da comunidade, para que, em momentos de dúvida, saiba que também ela não é inútil e inaproveitável. Toda comunhão cristã deve saber que não apenas os fracos necessitam dos fortes, mas que também os fortes necessitam dos fracos. A exclusão dos fracos é a morte da comunhão. Não será a autojustificação e, por conseguinte, a violação que governará a comunhão cristã, mas a justificação por graça e, por conseguinte, o serviço. Quem, alguma vez em sua vida, experimentou a misericórdia de Deus, dali por diante só desejará servir. O soberbo trono de juiz já não o atrai. Prefere ficar embaixo, junto com os miseráveis e os pequenos, pois foi lá que Deus o encontrou. “Tende a mesma estima uns pelos outros, sem pretensões de grandeza, mas sentindo-vos solidários com os mais humildes” (Romanos 12.16).

Quem quer aprender a servir precisa, primeiramente, aprender a pensar pequeno de si mesmo. “Não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém” (Romanos 12.3). “Conhecer bem a si mesmo e aprender a ter-se em pequena conta, eis a suprema e mais útil tarefa. Não ter a si mesmo em alto conceito e ter sempre a melhor opinião sobre o outro, isso é grande sabedoria e perfeição” (Tomás a Kempis). “Não vos deis ares de sábios” (Romanos 12.16b). Somente quem vive do perdão de seus pecados em Jesus Cristo saberá pensar pequeno de si mesmo, saberá que sua sabedoria estava no fim quando Jesus lhe perdoou, lembrar-se-á da sabedoria dos primeiros seres humanos que queriam conhecer o bem e o mal, e que pereceram nessa sabedoria. O primeiro homem que nasceu nes-

sa terra foi Caim, o fraticida. Eis o fruto da sabedoria humana. Porque o cristão já não pode se considerar sábio, também terá em baixa consideração seus planos e intentos; saberá que é benéfico que a própria vontade se quebre no encontro com o próximo. Estará disposto a considerar a vontade do próximo mais importante e prioritária do que a sua própria. Que importa que os próprios planos sejam frustrados? Não é melhor servir ao próximo do que impor a própria vontade?

Mas não somente a vontade do próximo é mais importante do que a minha, também a sua honra. "Como podereis crer, vós que recebeis glória uns dos outros, mas não procurais a glória que vem do Deus único?" (João 5.44). O desejo por honra própria dificulta a fé. Quem busca sua própria honra, já não busca a Deus nem ao próximo. Que importa que eu sofra injustiças? Não mereceria castigo pior se Deus não agisse comigo segundo sua misericórdia? A acaso não me foi feita mil vezes justiça na injustiça? Não haverá de ser útil e bom para a humildade que eu aprenda a suportar tão insignificantes males em silêncio e paciência? "Mais vale a paciência do que a pretensão" (Eclesiastes 7.8). Quem vive da justificação por graça, estará disposto a sofrer ofensas e injúrias sem protestar, aceitando-as da mão de Deus, que castiga e se compadece. Não é bom sinal quando não se pode ouvir nem suportar semelhantes coisas sem evocar logo o fato de que também Paulo fez valer seus direitos de cidadão romano, por exemplo, e que também Jesus retorquiu ao que lhe batia: "Por que me bates?" (João 18.23). Em todos os casos, nenhum de nós procederá realmente como Jesus e Paulo, se antes não aprender a silenciar diante de ofensas e ultrajes assim como eles silenciaram. O pecado da suscetibilidade, que floresce tão depressa na comunidade, revela reiteradamente quanta falsa honra-dez, o que é o mesmo que dizer quanta descrença, ainda vive na comunhão.

Por fim, precisa-se ainda fazer uma afirmação extremada. Não se considerar sábio, igualar-se aos humildes significa, sem rodeios

e com toda a sobriedade, considerar-se o maior dos pecadores. Isto provoca toda a resistência da pessoa natural, e também a do cristão consciente. Soa como um exagero, parece mentira. No entanto, Paulo disse ser ele próprio o "principal", isto é, o maior dos pecadores (1 Timóteo 1.15), e exatamente no contexto em que fala de seu ministério apostólico. Não há reconhecimento autêntico do pecado que não leve a essa profundidade. Enquanto o meu pecado ainda me parecer pequeno, menos condenável, em comparação com os pecados de outras pessoas, ainda estarei longe de reconhecer o meu pecado. Meus pecados são necessariamente os maiores, os mais graves e os mais condenáveis. O amor fraterno descobre numerosas desculpas para os pecados de outras pessoas, só para o meu próprio é que não há desculpa alguma. Por isso ele é o mais grave de todos. Quem quiser servir ao irmão na comunidade deverá descer às profundezas da humildade. Como eu poderia servir em humildade sincera a alguém, cujo pecado considero bem mais grave do que o meu próprio? Não estou me considerando superior a ele? Posso ainda ter esperança para ele? Isso seria um serviço hipócrita. "Não acredita que avançaste um passo na obra da santificação enquanto não sentires bem no íntimo que és menor que todos os demais" (Tomás a Kempis).

Como é realizado, pois, o autêntico serviço fraternal na comunidade cristã? Em nossos dias, estamos levemente inclinados a responder rapidamente que o único serviço real que podemos prestar ao próximo é o serviço da Palavra de Deus. É bem verdade que nenhum serviço se compara a esse e que todos os demais estão orientados para ele. Contudo, a comunidade cristã não se constitui só de pregadores da Palavra. Tal abuso poderia se tornar monstruoso se aqui fosse relevada uma série de outras coisas.

O primeiro serviço que alguém deve ao outro na comunidade é ouvi-lo. Assim como o amor a Deus começa quando ouvimos a sua Palavra, assim também o amor ao irmão começa quando aprendemos a escutá-lo. É prova de amor de Deus para conosco que não

apenas nos dá a sua Palavra, mas também nos empresta o seu ouvido. Portanto, é realizar a obra de Deus no irmão quando aprendemos a ouvi-lo. Cristãos, e de modo especial os pregadores, sempre acham que têm que “oferecer” algo quando se encontram na companhia de outras pessoas, como se isso fosse seu único serviço. Esquecem que ouvir pode ser um serviço maior do que falar. Muitas pessoas procuram um ouvido atento, e não o encontram entre os cristãos, porque esses falam também quando deveriam ouvir. Porém, quem não consegue mais ouvir o irmão, em breve também não conseguirá mais ouvir a Deus. Estará sempre falando, também perante Deus. Aqui começa a morte da vida espiritual, e no fim restará só o palavreado piedoso, a condescendência clerical que sufoca em palavras piedosas. Quem não sabe ouvir por longo tempo e com paciência, jamais se comunicará de fato com seu interlocutor e nunca o entenderá, e por fim nem sequer se dará conta disso. Quem considera seu tempo valioso demais para gastá-lo em ouvir, nunca terá realmente tempo nem para Deus nem para o próximo. Terá tempo só para si mesmo, para suas próprias palavras e planos.

A cura de almas entre irmãos distingue-se da pregação basicamente pelo fato de ao ministério da Palavra associar-se o ministério de escutar. Também existe o ouvir “a meio ouvido”. A pessoa pensa que já sabe antecipadamente o que o outro tem a dizer. É o ouvir impaciente, desatento, que despreza o irmão, só à espera de poder tomar a palavra, para assim se livrar do interlocutor. Não é assim o cumprimento da nossa missão, e não há dúvida de que em semelhante atitude com o irmão, se reflete nada mais que nosso relacionamento com Deus. Não é de se admirar, pois, que já não tenhamos condições de prestar ao irmão o maior serviço que Deus nos ordenou, a saber, ouvir a confissão do irmão, quando já fechamos o ouvido para coisas menos significativas. O mundo pagão de nossos dias sabe que, muitas vezes, a melhor maneira de ajudar alguém é escutá-lo com seriedade. Em cima desse conhecimento montou uma cura de almas secular que atrai multidões, inclusive cristãos. Os cristãos, porém, esqueceram que o ministério do ouvir lhes foi ordenado por aquele

que é o maior ouvinte e em cuja obra devem participar. Devemos ouvir com os ouvidos de Deus, para poder falar com a sua Palavra.

O segundo serviço que devemos prestar uns aos outros numa comunidade cristã é colocarmo-nos à disposição para ajudar de maneira prática. Pensa-se, a princípio, na ajuda simples em coisas pequenas e externas. Existem muitas delas em toda a vida em comunidade. Não há serviço que seja demasiadamente modesto para alguém. Quem alega não ter tempo a perder com a ajuda externa em coisas pequenas, apenas revela que, na maioria das vezes, dá importância excessiva para seu próprio trabalho. Temos que nos dispor e permitir que Deus nos interrompa. Constantemente, a cada dia, Deus interferirá em nossos caminhos e planos, colocando à nossa frente pessoas com suas exigências e solicitações. Podemos passar por elas, ocupados com os assuntos importantes do dia, à semelhança do sacerdote na parábola do bom samaritano, quem sabe lendo a Bíblia. Quando procedemos dessa forma, passamos ao largo do sinal da cruz erigido de maneira visível em nosso caminho e que quer nos mostrar que é o caminho de Deus que interessa e não o nosso.

É um fato singular que justamente cristãos e teólogos muitas vezes consideram seu trabalho tão importante e urgente que não permitem que nada no mundo os interrompa. Pensam que assim prestam um serviço a Deus e, na realidade, desprezam o “caminho tortuoso, e, não obstante, reto de Deus” (Gottfried Arnold). Não querem saber do caminho humano constantemente entrecruzado! No entanto, faz parte da escola da humildade não poupar nossas mãos quando se trata de prestar serviço, e que não assumamos o poder sobre nosso tempo, mas permitamos que Deus o preencha. No convento, o voto de obediência prestado ao abade priva o monge de dispor de seu tempo. Na vida em comunhão evangélica, o voto monástico é substituído pelo serviço espontâneo ao irmão. Somente quando não se poupam as mãos no serviço de amor e de misericórdia na disposição diária de ajudar, pode a boca anunciar com alegria e credibilidade a Palavra do amor e da misericórdia de Deus.

Em terceiro lugar mencionamos o serviço de carregar o outro. “Carregai o peso uns dos outros, e assim cumprireis a Lei de Cristo” (Gálatas 6.2). Portanto, a lei de Cristo é carregar pesos. Carregar é sofrer. O irmão é um fardo para o cristão, justamente para o cristão. Para o pagão, o outro nem chega a se tornar um fardo. Ele evita qualquer encargo por causa dele, porém o cristão tem que carregar o fardo do irmão. Tem que suportar o irmão. O outro só será irmão quando se tornar um fardo, e só então deixará de ser objeto dominado. Tão pesado foi o fardo da humanidade ao próprio Deus que sob seu peso acabou na cruz. No corpo de Jesus Cristo, Deus de fato foi afligido pela humanidade. Carregou-a, porém, como a mãe leva uma criança, como o pastor põe no ombro a ovelha perdida. Deus aceitou os seres humanos e eles o esmagaram. Deus, porém, ficou com eles, e eles com Deus. Suportando as pessoas, Deus manteve comunhão com elas. Essa é a lei de Cristo cumprida na cruz. Os cristãos tomam parte nessa lei. Devem suportar e carregar o irmão e, o que é mais importante, agora podem suportá-lo sob a lei de Cristo cumprida.

Chama a atenção a frequência com que a Bíblia fala de carregar. Com esse vocábulo consegue expressar toda a obra de Jesus Cristo. “E no entanto eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima de castigo, ferido por Deus e humilhado” (Isaías 53.4). Por isso também pode afirmar que toda a vida do cristão consiste em carregar a cruz. É a comunhão do Corpo de Cristo que aqui se torna real. É a comunhão da cruz em que um tem que experimentar o fardo do outro. Se não o experimentasse, não seria uma comunhão cristã. Se rejeitasse carregá-lo, negaria a lei de Cristo.

Antes de mais nada é a liberdade do outro, à qual nos referimos acima, que se torna um fardo para o cristão. Ela atenta contra a sua autonomia, e mesmo assim ele precisa respeitá-la. Ele poderia livrar-se desse fardo, não o libertando, ao contrário, violentando-o, embutindo nele a sua imagem. Se, porém, permite que Deus crie

nele sua imagem, então reconhece sua liberdade e passa a carregar ele mesmo o fardo de tal liberdade da outra criatura. A liberdade alheia inclui tudo o que entendemos sob natureza, individualidade, predisposição, inclusive as fraquezas e as esquisitices que tanto exigem nossa paciência, tudo o que provoca o grande número de atritos, diferenças e conflitos entre mim e o irmão. Levar o fardo do outro significa aqui suportar a realidade do outro em sua condição de criatura, aceitá-la, e, sofrendo-a, chegar ao ponto de alegrar-se com ela.

Especialmente difícil é quando fortes e fracos na fé estão unidos na mesma comunidade. O fraco não julgue o forte; o forte não despreze o fraco. O fraco que se guarde da arrogância; o forte que se cuide da indiferença. Nenhum deles busque o seu próprio direito. Se cair o forte, previna o fraco seu coração contra a satisfação maldosa; se cair o fraco, ajude-lhe o forte a erguer-se. Um precisa da mesma paciência que o outro. “Porque se caem, um levanta o outro; mas o que será de alguém que cai sem ter um companheiro para levantá-lo?” (Eclesiastes 4.10). Decerto é sobre esse suportar o outro em sua liberdade que fala a Escritura ao admoestar: “Suportando-vos uns aos outros” (Colossenses 3.13); “Com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Efésios 4.2).

À liberdade do outro junta-se o abuso dela no pecado que, no irmão, se torna um fardo para o cristão. Suportar o pecado do irmão é mais difícil do que suportar a sua liberdade, pois com o pecado é rompida a comunhão com Deus e com os irmãos. É nesse ponto que o cristão sofre o rompimento da comunhão no outro, estabelecida em Jesus Cristo. Por outro lado, é nesse suportar que também se revela toda a graça de Deus. Não precisar desprezar o pecador, mas poder suportá-lo significa não precisar dá-lo por perdido, mas poder aceitá-lo e manter com ele a comunhão por meio do perdão dos pecados. “Irmãos, caso alguém seja apanhado em falta, vós, os espi-

rituais, corrija esse tal com espírito de mansidão” (Gálatas 6.1). Do mesmo modo como Cristo nos suportou e aceitou como pecadores, assim também nós podemos suportar e aceitar pecadores na comunhão de Cristo, através do perdão dos pecados. Podemos suportar os pecados do irmão, não precisamos julgar. Para o cristão isto é graça; pois qual o pecado que ocorre na comunidade que não obriga o cristão a examinar e acusar a si mesmo por causa de sua própria infidelidade na oração e intercessão, da falta de serviço fraternal, de admoestação entre irmãos e de consolação, incluindo seu pecado pessoal, sua indisciplina com a qual prejudicou a si, à comunhão e aos irmãos? Porque todo o pecado individual pesa sobre a comunidade toda e a acusa, por isso a comunidade se regozija em todo sofrimento que lhe é causado pelo irmão, e sob todo fardo que por causa disso cai sobre ela, por ser considerada digna de suportar pecado e de perdô-lo. “Vê, assim tu suportas a todos, todos te suportam, e todas as coisas lhes são comuns, as boas e as más” (Lutero).

Perdoar é um serviço que nos prestamos mutuamente todos os dias. Acontece sem palavras na intercessão de uns pelos outros; e todo membro da comunhão, que não se cansa desse serviço, pode ter certeza de que também a ele os irmãos prestarão esse serviço. Quem carrega sabe-se carregado, e somente com esta força poderá carregar.

Onde estes três serviços, ouvir, servir, suportar, são realizados de forma fiel, lá pode acontecer também o serviço mais elevado e sublime: servir com a Palavra de Deus.

Trata-se aqui da livre palavra de pessoa para pessoa, e não da palavra subordinada ao ministério ordenado, nem limitada em um certo tempo e lugar. Trata-se da situação única no mundo em que uma pessoa testemunha a outra pessoa, com palavras humanas, todo o consolo de Deus e sua admoestação, bondade e severidade. Essa palavra é cercada de perigos sem fim. Se não lhe precedeu o verdadeiro ouvir, como poderia ser a palavra certa para o outro? Se está em contradição com a disposição de servir, como poderia ser pala-

vra fidedigna e verdadeira? Se não procede do carregar, mas da impaciência e do espírito de violação, como poderia ser a palavra libertadora e curativa? Por outro lado, a pessoa que realmente ouviu, serviu de fato e carregou, provavelmente nada dirá. A profunda desconfiança em relação a tudo que é só palavra sufoca, muitas vezes, a palavra dirigida ao irmão. O que uma impotente palavra humana pode fazer em favor do outro? Devemos multiplicar as palavras vazias? Falaremos ao vento, não considerando as verdadeiras necessidades dos semelhantes, a exemplo dos expertos espirituais? O que é mais perigoso do que dizer a Palavra de Deus em excesso? Por outro lado, quem quer assumir a responsabilidade de ter calado quando deveria ter falado? É bem mais fácil falar a palavra ordenada do púlpito do que essa palavra inteiramente livre, que se encontra entre a responsabilidade de silenciar e de falar.

Ao temor da própria responsabilidade de tomar a palavra associa-se o temor do outro. Como é difícil pronunciar o nome de Jesus Cristo até mesmo na presença de um irmão! Aqui também há o certo e o errado. Quem tem o direito de penetrar no próximo? Quem tem o direito de chamá-lo ao confronto, feri-lo e tocar nas coisas mais íntimas? Não seria prova de grande discernimento cristão se quiséssemos afirmar que esse direito cabe a todos, que é um dever. O espírito da violação poderia aninhar-se aqui da maneira mais cruel. De fato o outro tem o seu próprio direito, a sua própria responsabilidade e também seu próprio dever de defender-se contra intromissões indevidas. Ele tem seu próprio segredo que não pode ser tocado sem causar grande prejuízo, segredo que não pode revelar sem destruir a si mesmo. Não se trata de um segredo na área do saber ou sentir, mas do segredo de sua liberdade, de sua salvação, de seu ser. Não obstante, esse correto reconhecimento se avizinha perigosamente da palavra assassina de Caim: “Acaso sou guarda de meu irmão?” (Gênesis 4.9). O respeito pela liberdade do outro, aparentemente de fundamentação espiritual, pode estar sob a maldição da Palavra de Deus que diz: “mas o seu sangue, requerê-lo-ei da tua mão” (Ezequiel 3.18).

Onde cristãos se reúnem, em algum momento e de alguma maneira, deve acontecer de um testemunhar ao outro, pessoalmente, a Palavra e a vontade de Deus. É inimaginável que irmãos não falem uns com os outros sobre as coisas que lhes são mais importantes. É falta de espírito cristão quando um nega ao outro, conscientemente, o serviço decisivo. Se não conseguimos articular a Palavra, temos de nos examinar se não estamos vendo o irmão apenas em sua dignidade humana, a qual não temos coragem de tocar, e esquecemos assim o mais importante: que também ele, por mais idoso, superior e importante que seja, é uma pessoa igual a nós, que como pecador clama pela graça de Deus, que tem suas grandes necessidades como nós, que precisa de ajuda, consolo e perdão assim como nós.

A base na qual cristãos podem falar uns com os outros é que cada qual sabe que o irmão é pecador e, que, apesar de toda sua dignidade humana, está perdido e abandonado se não for socorrido. Isso nada tem a ver com desprezo ou desonra. Pelo contrário, assim se demonstra ao outro a única honra verdadeira que o ser humano possui: a de poder participar, como pecador, da graça e da glória de Deus, a de ser filho de Deus. Esse saber proporciona à palavra do irmão a necessária liberdade e abertura. Falamos uns aos outros em vistas ao auxílio de que ambos precisamos. Admoestamo-nos mutuamente a prosseguir no caminho que Cristo nos ordena. Advertimos uns aos outros sobre a desobediência que é nossa perdição. Ora somos afáveis, ora rudes, pois conhecemos a bondade e o rigor de Deus. Por que teríamos temor uns dos outros quando nada temos a temer senão a Deus somente? Por que haveríamos de pensar que o irmão não nos compreenderia se nós mesmos compreendemos muito bem quando alguém, quem sabe com palavras desajeitadas, nos anunciou o consolo ou a admoestação de Deus? Ou cremos por acaso que exista uma única pessoa que não necessite nem de consolações nem de advertências? Por que então Deus nos presenteou com a fraternidade cristã?

Quanto mais aprendermos a ouvir a palavra do outro, inclusive a aceitar humildemente e agradecidos advertências duras, tanto maior

será nossa liberdade e objetividade no uso da palavra. Quem rejeita a palavra fraterna por impertinência e vaidade, esse também não poderá dizer a outro a verdade em humildade, porque teme a rejeição, sentindo-se ofendido com isso. A pessoa impertinente sempre vira adulator e logo desprezará e caluniará o irmão. O humilde, porém, atém-se à verdade e ao amor. Permanece na Palavra de Deus e por ela se deixa conduzir ao irmão. Por não procurar para si mesmo nem temer nada, pode ajudar o outro através da Palavra.

É imprescindível – visto que ordenado por Deus! – advertir o irmão que cai em pecado evidente. A prática da disciplina da comunidade começa no círculo mais íntimo. Quando a apostasia da Palavra, na doutrina e na conduta, põe em perigo a comunhão familiar e com ela a comunidade toda, deve-se arriscar o uso da advertência e reprovação. Nada pode ser mais cruel do que a brandura que relega o outro a seu pecado. Nada mais misericordioso do que a admoestação severa que leva o irmão a abandonar o caminho do pecado. É serviço de caridade, uma última oferta de comunhão autêntica quando permitimos que tão-somente a Palavra de Deus se erga entre nós, julgando e socorrendo. Não somos nós que julgamos. Quem julga é somente Deus, e o seu juízo ajuda e salva. Em última análise, nada podemos senão servir ao irmão, jamais colocando-nos acima dele; servindo-lhe inclusive ainda quando lhe dizemos a palavra julgadora e separadora de Deus; quando, obedientes a Deus, rescindimos a comunhão com ele. Pois sabemos que não é com o amor humano que permanecemos fiéis ao outro, mas com o amor de Deus que vem para as pessoas só através do juízo. Enquanto julga, a Palavra de Deus serve às pessoas. Quem se deixa servir com o juízo de Deus, esse está salvo. É nesse ponto que se revelam os limites da ação humana no irmão: “Mas o homem não pode comprar seu resgate, nem pagar a Deus seu preço: o resgate de sua vida é tão caro que seria sempre insuficiente para o homem sobreviver”(Salmo 49.8,9).

Essa renúncia à própria capacidade é justamente a condição e a confirmação para o auxílio redentor que somente a Palavra de Deus

pode dar ao irmão. Os caminhos do irmão não estão em nossas mãos, não temos condições de conservar o que está prestes a se desagregar, não podemos preservar a vida de quem está morrendo. Deus, porém, une na desagregação, cria comunhão na separação, concede graça por meio do juízo. No entanto, colocou sua Palavra em nossa boca. Ela deverá ser dita por nós. Se impedirmos sua Palavra, o sangue do irmão vem sobre nós. Se a proclamarmos, Deus irá salvar o irmão através de nós. “Saiba que aquele que reconduz um pecador desencaminhado salvará sua alma da morte e cobrirá uma multidão de pecados” (Tiago 5.20).

“Aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servidor” (Marcos 10.43). Cristo ligou toda a autoridade na comunhão ao serviço fraternal. Autoridade espiritual autêntica só existe onde é cumprido o serviço de ouvir, servir, carregar e pregar. Todo culto a uma pessoa, abrangendo qualidades excepcionais, capacidades, poderes e talentos extraordinários – ainda que sejam de ordem espiritual – é mundano e não tem lugar na comunhão cristã, antes a envenena. O tão freqüente anseio de nossos dias por “figuras episcopais”, “pessoas sacerdotais”, “personalidades com autoridade” nasce, não raro, da necessidade espiritual mórbida de admirar seres humanos, de estabelecer autoridade humana visível, porque a autêntica autoridade do servir parece pequena demais. Nada se opõe a esse anseio com tanto rigor como o próprio Novo Testamento, mesmo ao descrever o bispo (1 Timóteo 3.2ss). Nada encontramos aqui do encanto de talentos humanos, das brilhantes qualidades de uma personalidade espiritual. O bispo nada mais é do que o homem simples e fiel, sadio na fé e na vida, e que se desimcumba de forma correta de seu serviço na comunidade. Sua autoridade consiste no cumprimento de seu serviço. Não há o que admirar no homem em si. O desejo por autoridade falsa, em última análise, nada mais quer do que erigir novamente na Igreja o imediatismo, a dependência de homens. A autoridade autêntica, porém, sabe que o imediatismo é desastroso justamente em questões de autoridade, e que ele só pode persistir no serviço daquele que tem toda a autoridade. Autoridade

autêntica sabe-se sujeita à palavra de Jesus, no sentido rigoroso: “Quanto a vós, não permitais que vos chamem de ‘Rabi’, pois um só é vosso Mestre e todos vós sois irmãos” (Mateus 23.8). Não é de personalidades brilhantes que uma comunidade precisa, mas de fiéis servidores de Jesus e dos irmãos. Também não lhe falta aqueles, mas estes. A comunidade confiará somente no singelo servo da Palavra de Jesus, porque sabe que assim estará sendo conduzida não por sabedoria ou arbitrariedade humana, mas pela Palavra do Bom Pastor. A questão da confiança espiritual, tão intimamente ligada à questão da autoridade, decide-se na fidelidade com que alguém cumpre o serviço de Jesus Cristo, e não nas qualidades extraordinárias de que dispõe. Autoridade poimênica só encontrará aquele servo de Jesus que não busca autoridade própria, mas que, sujeito à autoridade da Palavra, é um irmão entre irmãos.